

Motociclistas representam 70% dos acidentados no trânsito atendidos no Hospital João XXIII neste ano

Seg 11 maio

“No trânsito, enxergar o outro é salvar vidas”. Este é o tema do Maio Amarelo (campanha anual de conscientização pela responsabilidade compartilhada nas vias) deste ano, que reforça a importância de reconhecer que dentro ou sobre cada veículo, existe uma vida que merece atenção e respeito.

A ação coloca os motociclistas no centro da campanha, por representarem, a cada dia, uma parcela maior dos deslocamentos urbanos e, conseqüentemente, dos acidentados: no Hospital João XXIII (HJXXIII), da [Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais \(Fhemig\)](#), foram 2.382 casos atendidos até o último dia 23/4 deste ano, de um total de 3.431 registros de vítimas de acidentes de trânsito (70%).

O perfil dos acidentados atendidos na unidade se mantém há muitos anos: a maioria é de jovens do sexo masculino, de 19 a 39 anos de idade. “Trata-se, em grande parte, de pessoas em plena idade produtiva, que utilizam a motocicleta diariamente como ferramenta de trabalho, especialmente em atividades como entregas e deslocamentos urbanos”, afirma Rodrigo Muzzi, diretor de urgência do Complexo Hospitalar de Urgência (CHU).

Segundo o profissional, uma das principais situações em que os motociclistas passam despercebidos, é quando estão transitando nas “terceiras vias”, corredores formados no meio dos carros, e se tornam pontos cegos de automóveis, principalmente de ônibus.

“A rotina desses pilotos faz eles estarem contra o tempo para chegarem aos lugares ou realizarem entregas, mas as formas que eles encontram para não se atrasarem é o que muitas vezes colocam suas vidas em risco. O fato de haver três vezes mais acidentes com motos do que com carros evidencia a vulnerabilidade dos motociclistas”.

Realidade no HJXXIII

O ortopedista da urgência da unidade, Alexandre Maru, chama a atenção para o aumento do número de vítimas muito jovens em acidentes de trânsito atendidos no HJXXIII. Em 2025, 595 adolescentes e jovens de 11 a 19 anos deram entrada na unidade como motociclistas. Somente até abril de 2026, já haviam sido registrados 214 casos - um dado que pode estar relacionado ao uso crescente de veículos de duas rodas que não exigem carteira de habilitação.

Segundo o especialista, muitos desses acidentes estão ligados à exposição constante ao risco e à falsa sensação de segurança criada pela repetição de comportamentos imprudentes.

“O piloto realiza uma ação irresponsável e acha que vai ficar tudo certo. Como deu certo na primeira vez, continua agindo da mesma forma até dar errado. Quando a pessoa fura sinal, anda em alta

velocidade ou conduz de forma agressiva com frequência, o risco de sofrer um acidente grave aumenta muito”, alerta.

A maneira como os motociclistas caem do veículo, o fato de estarem usando o equipamento de segurança completo e a velocidade em que estão, são fatores determinantes para a gravidade das lesões em um acidente, destaca Muzzi. Um acidente de moto pode lesionar um paciente de várias formas, desde escoriações leves até ferimentos graves, que podem evoluir a óbito antes da entrada no hospital. De acordo ainda com Muzzi, algumas vítimas conseguem se recuperar completamente durante o período de internação e outros têm sequelas gravíssimas, que muitas vezes deixam funções neurológicas comprometidas permanentemente. “São fraturas principalmente de membro inferior e superior, podendo haver também trauma craniano e torácico muito graves”, detalha o cirurgião.

Um segundo no trânsito, marcas eternas

A história do gerente de comércio Davi Pereira, 31 anos, mostra como um instante de desatenção no trânsito pode transformar a rotina de uma família. Ele sofreu um grave acidente de moto ao sair para uma tarefa corriqueira. “Fui à padaria, quando o carro da frente deu seta em uma curva e não deu tempo de frear. Acabei batendo forte em uma mureta”, relembra. Davi deu entrada no HJXXIII em 18 de abril com dois traumas abdominais de uma fratura de fêmur, já passou por quatro cirurgias e carrega, além das marcas físicas, também as emocionais do acidente: seu filho Oliver nasceu durante sua internação e ele não pôde acompanhar o parto.

“O trânsito não é brincadeira. Uma pequena falha pode afetar profundamente a nossa vida ou a de outras pessoas. Dessa vez, fui o maior prejudicado”, afirma.

Enquanto se recupera, a maior esperança de Davi é voltar para casa e acompanhar de perto os primeiros momentos da vida do filho.